IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

A DISCUSSÃO DE GÊNERO NAS ATIVIDADES DO PETI CIÊNCIAS SOCIAIS - UESB

Eixo Temático 45 – Debates e Atravessamentos a respeito da discussão sobre gênero, sexualidades e diversidade sexual no ensino médio

Lívia Almeida Santos [1]
Leonardo Santana Barreto [2]
José Miranda Oliveira Júnior [3]
Nubia Regina Moreira [4]

RESUMO

O Programa de Educação Tutorial Institucional – PETI – subgrupo específico de Ciências Sociais – da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia desde a sua implantação vem se comprometendo com uma atuação que visa discutir gênero, raça e multiculturalismo. Suas atividades são pautadas no compromisso com a formação individual dos seus membros e não obstante, expandindo conhecimento para todo o público universitário e não universitário, com suas ações extensionistas. Adensados em obras que possibilitam ampliar os horizontes do conhecimento e aprofundar tais discussões, o PETI Ciências Sociais/UESB propõe atividades como por exemplo "Carolina vai às escolas", que através das obras da escritora Carolina Maria de Jesus, propõe discussões diretas sobre desigualdade e gênero em linhas interseccionais; entre essas atividades está o minicurso "Violência na Escola" que versa através de uma longa bibliografia sobre a discussão da violência de gênero, raça e classe. Além de propor uma reflexão sobre o multiculturalismo e a nova escola que propõe a juventude; utilizando de debates contemporâneos o PETI Ciências Sociais/UESB propõe discussões que compreendem a importância da participação do público assistido, para propor em conjunto novos espaços de formação multidisciplinar e colaborativa, oferecendo um debate que favoreça a propagação de informações atualizadas sobre as discussões de gênero e sexualidade. Além disso, o Programa incentiva o desenvolvimento de pesquisas e projetos que contribuam para a ampliação das discussões sobre temas essenciais à sociedade, como equidade de gênero. Dessa forma, fortalece o compromisso com a produção e disseminação de conhecimentos críticos e contemporâneos, consolidando-se como um espaço de reflexão e transformação social.

Palavras-chave: PETI Ciências Sociais; Gênero; Sexualidade; Formação multidisciplinar

[1] Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB liviaalmeida.uesb@gmail.com;
[2] Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB leonardosantanabarretto@gmail.com
[3] Doutorando e mestre em Educação (PPGed/UESB) e professor assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, jose.junior@uesb.edu.br;
[4] Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasilia – UNB e professora titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, nubia.moreira@uesb.edu.br;

INTRODUÇÃO

As discussões de gênero, sexualidades e diversidade sexual têm sido objeto de crescente atenção nas Ciências Sociais contemporâneas, não apenas como categoria de análise, mas também como um campo de disputa simbólica, política e epistemológica. A presente pesquisa tem como objetivo central investigar como o gênero é percebido, vivenciado e debatido nas atividades do Programa de Educação Tutorial Institucional (PETI), no subgrupo específico das Ciências Sociais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

A pesquisa objetiva refletir sobre como as discussões de gênero têm sido articuladas nas ações desenvolvidas pelo grupo PETI Ciências Sociais/UESB, com ênfase nas contribuições da temática para o público externo. Além disso, busca compreender os processos formativos dos estudantes envolvidos na construção dessas atividades. Nesse último ponto, analisa-se como tais discussões contribuem para uma formação crítica e comprometida dos estudantes bolsistas e voluntários do grupo PETI. Soma-se ainda o interesse em estudar as reverberações dessas ações junto à comunidade interna da universidade, principalmente no tocante aos graduandos das licenciaturas, visto que esse é um debate vivo em sala de aula.

Partindo da compreensão de que o gênero é uma categoria relacional e histórica, construída a partir das práticas e das instituições sociais (SCOTT, 1995), e de que seu debate é atravessado por relações de poder que se atualizam cotidianamente, é de fundamental relevância a construção de espaços que fomentem a discussão de temas como gênero e sexualidade. Isso visa permitir que futuros professores do Ensino Médio estudem seus desdobramentos com mais afinco, a fim de alcançar uma prática docente respeitosa e comprometida com essa pauta. Com isso, além de se mostrar urgente nos debates, a pauta de gênero e sexualidade se constitui como elemento central na forma como as relações interpessoais acontecem dentro e fora do âmbito escolar.

O programa, por sua natureza interdisciplinar e formativa, constitui um espaço que estimula reflexões críticas sobre temas relevantes para cientistas sociais, incluindo as discussões sob uma perspectiva interseccional — a saber, raça, gênero e classe — visando construir coletivamente saberes que dialoguem com as demandas da realidade vivida no cotidiano dos estudantes em idade escolar, especialmente aqueles corpos dissidentes que historicamente foram marginalizados.

Para atender ao objetivo deste trabalho, foram utilizadas como fontes teóricas autoras e autores que problematizam as construções sociais do gênero a partir de perspectivas críticas e interseccionais. Nesse campo, destaca-se a socióloga brasileira Berenice Bento, que se debruça sobre o estudo do gênero para explicar os mecanismos de poder em torno das masculinidades e feminilidades de corpos dissidentes.

Com sua análise do corpo como território político e pedagógico, Bento contribui para desvelar os dispositivos que regulam e produzem corpos “inteligíveis” ou “abjetos” no contexto educacional. Como afirma a autora: “A escola não é apenas um espaço de socialização, mas um dispositivo de controle e de normatização dos corpos. Ela ensina, com e sem palavras, como devemos existir” (BENTO, 2006, p. 45). Posteriormente, serão abordadas as demais autoras utilizadas neste trabalho.

Ao propor atividades que abordam o gênero não como um conteúdo isolado, mas como uma dimensão transversal das relações sociais, o grupo contribui para que os estudantes consigam alcançar um público que é silenciado e alvo de constante apagamento. Além disso, possibilita que os integrantes do programa desenvolvam um olhar mais atento, empático e comprometido com a diversidade sexual e as formas de (re)existir dentro da escola.

De acordo com a teórica Leticia Nascimento, em um fragmento de entrevista para um canal digital, as questões de sexualidade e gênero sempre estiveram presentes nas escolas, seja de maneira explícita ou implícita. Portanto, a questão central é: como essas discussões têm sido postas pedagogicamente e politicamente nesse espaço? Leva-se em consideração que a escola, como instituição integrante da sociedade, se torna o reflexo da mesma, sendo, portanto, um espaço de constante disputa política e ideológica.

Dentro do ambiente escolar, ocorre a chamada reprodução de feminilidades e masculinidades tidas como ideais, ou seja, a escola, dentro de sua estrutura controladora, reproduz e reafirma um modelo de “ser” mulher e homem. Nesse sentido, cria-se um ideal de existência a ser seguido. Isso se torna palpável quando, por exemplo, são impostas às crianças e adolescentes brincadeiras de “meninas” e de “meninos”, categorizando e resumindo esses indivíduos ao sexo biológico.

Para além disso, a pedagoga e ativista faz uma crítica à ideia de "neutralidade pedagógica". Nascimento defende que não há neutralidade quando se escolhe ignorar ou silenciar certas identidades. Ela sustenta que educar é também um ato de enfrentamento às

desigualdades e que os professores e as instituições têm o dever de construir uma educação que valorize a diversidade e combata o preconceito. Nisso, deveria residir a gênese da escola.

No entanto, observa-se, na contemporaneidade brasileira, um movimento de ampla divulgação de *fake news* e propagação de desinformação nos meios digitais. Soma-se a isso a interpretação equivocada de muitos profissionais da educação, que comumente se aliam ao conservadorismo, sobre o que efetivamente significaria levar a discussão de gênero e sexualidade para dentro do currículo da educação básica.

Consequentemente, o alarmismo do movimento conservador gera uma série do que Nascimento chama de "pânicos morais" dentro da sociedade. Os pânicos morais estão ligados à ideia de que, em sala de aula, os professores ensinariam os estudantes a se relacionar afetivamente com pessoas do mesmo sexo, ou que a escola estimularia uma iniciação sexual precoce. O medo da chamada "ideologia de gênero" assombra grupos conservadores, que buscam transformar esse pânico em verdade absoluta, favorecendo o fortalecimento de propostas como a de uma escola "sem partido", e, portanto, sem "ideologias".

Assim sendo, há uma crescente tentativa de apagamento das discussões de gênero e sexualidade no currículo do Ensino Médio, justificadas, como dito anteriormente, pelo suposto combate a uma "ideologia de gênero", promovido por grupos de extrema direita. Nesse sentido, estudar o tema é uma forma de resistência política e de legitimação das disciplinas das humanidades, que trazem em seus conteúdos propostas para o debate de assuntos considerados "impuros".

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Buscando compreender o processo de construção de atividades que discutam gênero dentro do grupo PETI, utilizou-se como fonte metodológica o relato descritivo de dois projetos pensados para abordar a temática "gênero" e, secundariamente, a violência. Primeiramente, visando o debate dentro do ambiente escolar, os integrantes do grupo idealizaram e realizaram o projeto de extensão "Carolina vai às escolas"; posteriormente, voltaram-se à formação de professores e estudantes da graduação em licenciaturas por meio do minicurso intitulado "Violência na Escola". Para a fundamentação teórica, entendendo a necessidade de ampliar e

atualizar o debate, ambos os projetos contaram com bibliografias críticas de autoras como Carla Akotirene, Jota

Mombaça, Grada Kilomba, Angela Davis, Leticia Nascimento e Hannah Arendt. Essas referências permitiram articular diferentes formas de violência — física, simbólica, epistemológica — a partir das opressões de gênero, raça e classe. Dessa forma, volta-se a atenção para a discussão de gênero fomentada pelo grupo PETI durante as atividades desenvolvidas com estudantes do ensino médio de uma instituição escolar de Vitória da Conquista (BA).

O projeto "Carolina vai às escolas" foi idealizado com o objetivo de aproximar as discussões de gênero e classe dos estudantes do ensino médio. A proposta não apenas visou valorizar uma das principais autoras negras da literatura brasileira, como também propor leituras interseccionais que articulam gênero, raça e classe social.

A atividade 1 consiste em um projeto de extensão que leva a vida e a obra de Maria Carolina de Jesus (1914–1977) para as escolas, compreendendo que não se pode falar sobre essa autora sem realizar uma análise interseccional — gênero e raça —, marcadores centrais no processo de subalternidade a que foi submetida.

Carolina Maria de Jesus foi uma mulher negra, brasileira e escritora, cuja vida foi marcada por diversas desigualdades. Foi uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do Brasil. Nascida em Sacramento (MG), viveu grande parte da vida em condições de extrema pobreza na favela do Canindé, em São Paulo. Com apenas dois anos de escolaridade formal, escrevia à mão em cadernos tudo o que via e sentia em seu cotidiano como catadora de papel, mãe solo e mulher negra periférica.

Seu diário foi descoberto pelo jornalista Audálio Dantas e publicado em 1960 com o título *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, tornando-se um dos livros brasileiros mais traduzidos. A obra foi escolhida como bibliografia base para a discussão com os estudantes. As atividades ocorreram durante as aulas de Sociologia, em parceria com a professora regente. Diluído em alguns encontros, o projeto apresentou aos estudantes uma autora que não constava na ementa da disciplina, mas que dialogava com as discussões realizadas na escola durante o novembro Negro sobre racismo.

A partir dessa nova perspectiva — a interseccional — despertou-se nos estudantes o interesse por estudar mais a fundo a vida e obra de Carolina Maria de Jesus, até então

desconhecida por muitos deles. Ao levar essas narrativas para o ambiente escolar, o grupo promoveu diálogos com estudantes e professores do ensino médio, provocando reflexões decoloniais sobre as desigualdades cotidianas e sobre o lugar das mulheres negras na história e na produção cultural do país.

A atividade 2 do grupo é o minicurso "Violência na Escola", que busca articular diferentes formas de violência — física, simbólica e epistemológica — a partir das opressões de gênero e do racismo religioso. Ao discutir como essas violências se manifestam no cotidiano escolar, o minicurso amplia a capacidade analítica de professores e estudantes sobre o papel da escola enquanto reprodutora e, potencialmente, transformadora dessas dinâmicas.

A dinâmica do minicurso inclui uma bibliografia base disponibilizada previamente, além da apresentação de recurso audiovisual, como estratégia para fixação dos conteúdos e análise empírica das diversas formas de violência presentes na escola. O minicurso é direcionado à formação continuada de professores e foi estendido aos graduandos, abrangendo não apenas estudantes das humanidades, mas de todas as licenciaturas.

Comumente, o minicurso é dividido em três momentos. O primeiro discute implicações do conceito de "violência" e como ela chega ao ambiente escolar, utilizando como ferramenta teórica dissertações sobre o tema. O segundo momento consiste na exibição de um recurso audiovisual em diálogo com o texto de Jota Mombaça *"Não vão nos matar agora"* (2021), no qual a autora defende o uso da palavra e do corpo como

ferramentas de crítica, potência e combate. Nessa obra, ela introduz o conceito de "corpas" como um ato político de feminilização do discurso enquanto dispositivo de reexistência. Por fim, o terceiro momento traz para a discussão o conceito de racismo religioso, com base na obra de Stela Caputo *"Ogan, adósu, òjè, ègbónmi e ekedi: O candomblé também está na escola. Mas como?"* (2008), abordando a vivência de crianças de religiões de matriz africana em contextos de violência simbólica, psicológica e, por vezes, física.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao discutir gênero na escola, possibilita-se que corpos invisibilizados ganhem voz e sejam vistos enquanto sujeitos. Esses corpos (e corpas) estão e sempre estiveram dentro desse ambiente. Debater essas questões é tornar suas existências possíveis. O currículo, construído por conteúdos relevantes para uma formação completa, torna as discussões sobre gênero e

sexualidade fundamentais para a compreensão da nossa sociedade. Além disso, as intervenções do grupo PETI, citadas ao longo do texto, abrem espaço para o diálogo entre a comunidade escolar, somado ao incentivo para que possíveis violências sofridas pelos estudantes sejam discutidas. Somado a isso, amplia-se a capacidade crítica de professores e estudantes sobre o papel da escola enquanto reprodutora e, potencialmente, transformadora dessas dinâmicas de violência.

De acordo com a autora Grada Kilomba, a violência epistêmica que marca o cotidiano escolar não se dá apenas pela ausência de corpos negros, femininos e dissidentes nos espaços de poder, mas também pela recusa de suas epistemologias e narrativas como legítimas. Assim, a presença dessas vozes no planejamento e na execução das ações do grupo é um ato político que confronta as lógicas hegemônicas de exclusão e hierarquização do saber.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As intervenções realizadas pelo grupo PETI CIÊNCIAS SOCIAIS, ao discutir gênero e violência no ambiente escolar, mostram a importância de tornar a escola um espaço de reflexão e transformação continua. Essas discussões não apenas tornam visíveis os corpos e as vozes que historicamente foram invisibilizados, mas também reforçam a necessidade de uma educação que vá além da transmissão de conteúdos acadêmicos, proporcionando uma formação crítica e capaz de confrontar as opressões que marcam nossa sociedade. O currículo escolar precisa incluir efetivamente discussões sobre gênero, sexualidade, raça e classe, pois são fundamentais para a compreensão das dinâmicas.

Além disso, a experiência dos projetos apresentados no texto evidencia o papel fundamental da educação na luta contra as diversas manifestações de violência, seja física, simbólica ou epistemológica. Ao capacitar professores e estudantes para reconhecerem a escola como um espaço de reprodução e também de potencial transformação dessas dinâmicas, é possível fomentar uma maior conscientização com as questões de gênero, sociais e políticas que permeiam o cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. p. 49-82.

CAPUTO, Stela. Ogan, adósu, òjè, ègbónmi e ekedi: o candomblé também está na escola. Mas como? In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (Org.). *Diversidade na escola: olhares e práticas*. São Paulo: Fundação Santillana, 2008. p. 159-173.

BENTO, Maria Aparecida Silva. *Branqueamento e branquitude no Brasil*. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). *Raça como questão: História, ciência e identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. p. 25-58

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FRASER, Nancy. Redistribuição ou reconhecimento? Uma crítica filosófica à justiça social. Lua Nova, São Paulo, n. 69, p. 15-44, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ln/a/qKm3hWJ9R9tXK5F5xKv7gMZ/ . Acesso em: 23 abr. 2025.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1991.

Wikipedia. (2025). Carolina Maria de Jesus. [Versão online] Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki /Carolina_Maria_de_Jesus. Acesso em: 24 de abril de 2025